

As regiões do Pantanal: Paiaguás

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA

O Pantanal do Paiaguás, uma das regiões reconhecidas para a planície pantaneira nas diferentes propostas de divisão em sub-regiões para o Pantanal, ocupa uma superfície de pouco mais de 27 mil quilômetros quadrados, que representa quase 20% da planície pantaneira. Engloba áreas dos municípios de Sonora, Coxim e Corumbá, inteiramente no estado do Mato Grosso do Sul. É a maior sub-região em extensão do Pantanal, seguida pela Nhecolândia, já tratada em Aula anterior, com a qual faz vizinhança em toda a sua parte sul, sendo o rio Taquari o divisor dessas regiões. Delimita-se ainda, a oeste, pelo rio Cuiabá, pela área de inundação do rio Paraguai e pelo rio Paraguai-Mirim, a leste pelo planalto que circunscreve a planície pantaneira, e a ao norte pelos rios Correntes e Itiquira. Em algumas propostas de classificação em regiões do Pantanal, parte do pantanal do Paiaguás, juntamente com uma parte da Nhecolândia, são incluídas no que é denominado de “Pantanal do Taquari”.

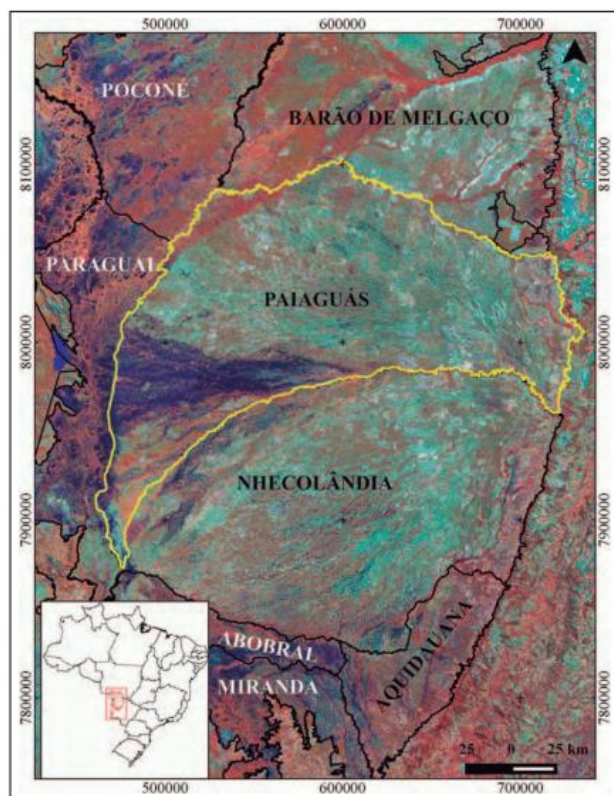
O Paiaguás, como é chamado comumente pelos pantaneiros, é formado por uma grande planície de acumulação de sedimentos, com regime de inundação variável, com depósitos erosivos dos planaltos do entorno do Pantanal, formando planícies aluviais. Um processo geológico característico da planície de inundação do rio Taquari, principal formador dessa região, é a avulsão; trata-se de uma mudança de curso do leito principal, que resulta na formação de canais de água, com ou sem contato com o leito principal durante os períodos de cheias, e que, em conjunto, formam um sistema de drenagem distributivo, ou seja, que invés de reunir tributários (afluentes) em um curso principal, ramifica-se em canais divergentes a partir do leito principal. A avulsão inicia com o rompimento dos diques marginais ao curso d'água e segue com o transporte de sedimentos a partir desses pontos de ruptura para as áreas mais baixas adjacentes, que tendem a permanecer inundadas durante o período das cheias. As aberturas dos diques marginais aos rios são conhecidos “arrombados”, sendo os mais conhecidos no Pantanal, e que tiveram maior influência nas mudanças de curso do rio Taquari no Paiaguás, o do “Zé da Costa”, formado na década de 1980, e o do “Caronal”, formado na década de 1990. As alterações ambientais decorrentes das mudanças de curso do rio Taquari na região do Paiaguás levaram a mudanças sociais e econômicas, com a impossibilidade de realização da pecuária extensiva, praticada tradicionalmente nessa região desde o século XIX. Houve um grande êxodo de moradores das fazendas para as regiões urbanas, especialmente de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, como consequências como redução de áreas de pecuária extensiva, diminuição do rebanho bovino, diminuição da atividade pesqueira e da navegabilidade no rio Taquari, e redução do número de trabalhadores e moradores nas áreas ribeirinhas. As principais comunidades que vivem na região do Paiaguás e que foram mais afetadas pelas mudanças de curso do rio Taquari são as colônias São Domingos, Bracinho, Cedro, Miquelina e Rio Negro.

A vegetação da região do Paiaguás, da mesma forma que em outras regiões do Pantanal, é um grande mosaico de diferentes fisionomias de vegetação, com destaque para: 1) campos limpos: formações herbáceas com predominância da grama-do-cerrado (*Mesosetum chaseae* Luces, Poaceae), localizados especialmente em solos de baixa fertilidade, lixiviados pela chuva e pelas variações do nível do lençol freático, sujeitos às inundações por um período que pode chegar até três meses. Os campos limpos de Cerrado na região do Paiaguás são caracterizados pela dominância do capim-carona (*Elionurus muticus* (Spreng.) Kuntze, Poaceae), formando os conhecidos “caronais”, cuja densidade de touceiras relaciona-se ao tipo de manejo, tanto pelo fogo como pelo pastoreio. Em áreas de pastagens é comum a ocorrência de espécies arbustivo-arbóreas nativas do Pantanal, mas que em função de práticas inadequadas de manejo tornam-se invasoras, tais como a canjiqueira a lixeira e os espinheiros. 2) floresta estacional decidual: formação florestal com altura de até 20m, que pode ser inundada por períodos curtos, de um a dois meses, e ocorre sobre solos arenosos, com alta saturação de bases, principalmente onde as águas do rio Taquari foram represadas na região de encontro com o leito antigo do rio Paraguai. Esse tipo florestal pode ocorrer tanto sobre as cordilheiras, que são feições de relevo alongadas e mais elevadas em relação à planície, como em capões, que também são pequenas elevações, porém com formato mais arredondado. 3) buritizais: formações monodominantes, ou seja, onde há o predomínio de uma espécie, nesse caso a palmeira buriti (*Mauritia flexuosa* L. f., Arecaceae),

em áreas pantanosas com águas rasas e paradas. O buriti também caracteriza as chamadas “veredas”, que diferem dos buritizais mencionados acima pois são inundadas por água corrente e ocorrem ao longo de alguns cursos de água perenes que margeiam a borda leste da região do Paiaguás.

As mudanças de curso do rio Taquari, resultantes dos processos de avulsão fluvial, têm tido grande impacto na configuração do pantanal do Paiaguás, produzindo vários ambientes aquáticos caracterizados por diferentes tipos de vegetação, predominantemente campestre, ricas em plantas aquáticas, sendo um dos ambientes mais conhecidos as “águas limpas”; são trechos de canais inundados, geralmente de baixa profundidade e com poucos sedimentos suspensos, cujas águas são cristalinas, e que começam a chamar a atenção de visitantes para realização de atividades recreativas, como a flutuação para observação de vida aquática (*snorkeling*). Alguns moradores relatam mais recentemente que os peixes voltaram a ser mais abundantes nesses alagados, o que pode indicar que as mudanças ambientais podem trazer de volta algumas atividades que já eram exercidas na região, e que foram abandonadas num primeiro momento como resultado das mudanças fluviais. Grande parte das árvores mais altas que ocorriam nessa região, normalmente associadas aos capões e cordilheiras, morreram em função da inundação permanente, formando o que se conhece no Paiaguás como “paliteiras”, que são agrupamentos das árvores mortas ainda em pé, que com o passar do tempo caem e vão deixando a vegetação dominante com uma fisionomia campestre.

A região do Paiaguás já foi uma região de produção pecuária importante no Pantanal, devido ao acesso fluvial pelo rio Taquari e proximidade da cidade de Corumbá, porém as mudanças ambientais e sociais ocorridas nas últimas décadas provocaram grandes transformações na realidade regional, levando ao abandono de fazendas, colapso no transporte fluvial e crise na economia local. Apesar de haver muitos estudos mostrando as razões de tais mudanças, faltam iniciativas concretas para mudar essa situação, pois os processos que lavaram a isso têm causas difíceis de serem equacionadas, uma vez que envolvem práticas agropecuárias inadequadas que vêm sendo implementadas na bacia hidrográfica, especialmente na região planáltica, há muito tempo. É nítido que há um conflito entre as formas de uso do solo entre o planalto e a planície pantaneira, e, embora existam iniciativas que visam reverter esse processo, a escala espacial em que ele ocorre tornam tais ações desafiadoras, pois envolvem grandes intervenções na paisagem e alta quantidade de recursos.



Localização do Pantanal do Paiaguás (em amarelo), sobre imagem de satélite Landsat 8, tomada durante a estação seca. Fonte: Mito *et al.* (2016).



Região dos alagados do rio Taquari, no Pantanal de Paiaguás.

Fontes consultadas

- Assine, M. L. (2009). Taquari: um rio mutante. Anais 2º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal, Corumbá, 7-11. Disponível em <https://www.geopantanal.cnptia.embrapa.br/2009/cd/palestra2.pdf>
- Cunha, C. N., Bergier, I., Tomas, W. M., Damasceno-Júnior, G. A., Santos, S. A., Assunção, V. A., ... & Junk, W. J. (2023). Classificação dos Macrohabitat do Pantanal Brasileiro: Atualização para Políticas Públicas e Manejo de Áreas Protegidas. Biodiversidade Brasileira (BioBrasil), 13(1). Disponível em <https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/BioBR/article/download/2223/1452>
- Curado, F. F. (2004). Considerações sócio-econômicas e ambientais relacionadas ao "arrombados" na planície do rio Taquari, MS. Corumbá: Documentos, 67. Embrapa Pantanal. 33p. Disponível em <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/812056/1/DOC67.pdf>
- Mercante, M. A., & Santos, E. T. D. (2009). Avulsões no Pantanal: dimensões naturais e sociais no rio Taquari. Sociedade & Natureza, 21, 361-371. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sn/a/qmL6zpX45CN3kPvCSLKzSnk/?format=pdf&lang=pt>
- Mioto, C. L., Meneghelli, T. H. L., Ribeiro, A. A., Júnior, J. M., & Paranhos Filho, A. C. (2016). Contribuição à caracterização do Pantanal de Paiaguás. Anu Inst Geociênc, 39(1), 32-41. Disponível em https://www.academia.edu/download/80174908/2016_1_32_41.pdf
- Mioto, C. L., Paranhos Filho, A. C., & do Amaral Albrez, E. (2012). Contribuição à caracterização das sub-regiões do Pantanal. Entre-Lugar, 3(6), 165-180. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/download/2453/1404>
- Silva, J. D. S. V., & de Moura Abdon, M. (1998). Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. Pesquisa agropecuária brasileira, 33(13), 1703-1711. Disponível em <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab/article/download/5050/7203>